



Fórum Regional da Indústria 2022 Associação Comercial e Industrial de Barcelos, 11 de Outubro de 2022

A RE-INDUSTRIALIZAÇÃO NECESSÁRIA, PERSPECTIVAS DE FUTURO

LUIS MIRA AMARAL

Presidente dos Conselhos da Indústria e Energia da CIP



CIP
CONFEDERAÇÃO EMPRESARIAL
DE PORTUGAL

Roteiro para a Reindustrialização

Índice

3 A AMBIÇÃO PARA UMA ÉPOCA DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO COM A APOSTA NA REINDUSTRIALIZAÇÃO

9 INDÚSTRIA E O NOVO MODELO

15 POLÍTICA INDUSTRIAL PARA A REINDUSTRIALIZAÇÃO

19 COVID, INVASÃO DA UCRÂNIA, DEFESA DA EUROPA E REINDUSTRIALIZAÇÃO

Roteiro para a Reindustrialização

A AMBIÇÃO PARA UMA ÉPOCA DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO COM A APOSTA NA REINDUSTRIALIZAÇÃO



A AMBIÇÃO PARA UMA ÉPOCA DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO COM A APOSTA NA REINDUSTRIALIZAÇÃO

- Portugal perdeu em termos económicos as duas primeiras décadas do século XXI, pois há vinte anos que a economia portuguesa está quase estagnada e diverge da União Europeia, pelo que é urgente ver em perspectiva o que poderá ser a terceira década de 2021 a 2030.
- Neste texto propomos uma nova e renovada ambição para uma década de crescimento económico, reindustrialização e de melhoria do nível de vida dos portugueses, o que só será possível democratizando o regime político e promovendo o desenvolvimento de instituições livres e inclusivas e de empresas competitivas.
- É importante recordar que as mais recentes fases de crescimento económico português estão associadas à entrada na EFTA e na CEE, mostrando que Portugal, pequena economia, cresce quando se abre ao exterior.
- **Se bem que os serviços assumam uma grande importância nas economias desenvolvidas, levando à chamada terciarização das economias, tal não se pode confundir com desindustrialização pois que a actividade industrial continua a ser crucial para o desenvolvimento económico, para a inovação tecnológica e para a criação de empregos qualificados e bem pagos. Tem-se de facto verificado haver uma relação entre desindustrialização, défices e endividamento externos.**



A AMBIÇÃO PARA UMA ÉPOCA DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO COM A APOSTA NA REINDUSTRIALIZAÇÃO

Portugal é um país em estado intermédio de desenvolvimento, mantendo um modelo económico que infelizmente se aproxima dos países menos desenvolvidos em que o PIB ainda tem dependência significativa dos setores do turismo, comércio e serviços de baixo valor acrescentado.



A continuação deste modelo implicaria a manutenção de salários baixos, a atração de emigrantes desqualificados, e a permanente descida no ranking dos países europeus, até atingirmos a posição de país mais pobre da União Europeia.



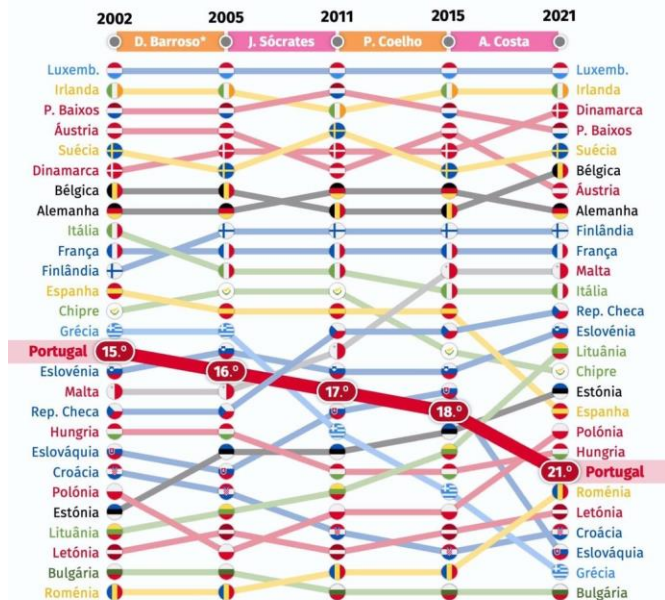
Quanto aos rendimentos dos salários em termos da paridade do poder de compra, salários a dividir pelo custo de vida, já hoje só temos atrás de nós a Bulgária.

A AMBIÇÃO PARA UMA ÉPOCA DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO COM A APOSTA NA REINDUSTRIALIZAÇÃO



Segundo estimativas do Eurostat, Portugal foi ultrapassado por 2 economias de leste em 2021. Em apenas 6 anos, a economia portuguesa recuou 3 lugares.

Evolução da classificação dos 27 atuais estados-membros da UE em termos de PIB per capita em paridades de poder de compra



Junta-te a nós.
maisfactos.pt

* Pedro Santana Lopes liderou os últimos 8 meses desta legislatura
Fonte: Eurostat (números de 2021 ainda são provisórios)
Produzido a 24 de março de 2022

+factos



CIP
CONFEDERAÇÃO EMPRESARIAL
DE PORTUGAL

A AMBIÇÃO PARA UMA ÉPOCA DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO COM A APOSTA NA REINDUSTRIALIZAÇÃO

O principal objetivo económico terá de ser a melhoria da produtividade total dos factores de produção (trabalho e capital) e a competitividade externa da economia,

- o que é indissociável de uma forte redução da dualidade existente na economia portuguesa, o que só poderá ser realizado pelo efeito combinado da criação de empregos na metade mais competitiva da economia e do modelo de educação proposto pela Sedes, além de formação profissional nas empresas. Impõe-se melhorar drasticamente a capacidade de gestão e a dimensão das nossas empresas a fim de melhorar a respetiva qualidade de gestão, competitividade e níveis salariais praticados.



A indústria portuguesa encontra-se apertada (“stuck in the middle” como dizia Porter em 1992) entre o modelo dos países cuja competitividade repousa nos salários baixos e o modelo dos países desenvolvidos ligado à economia do conhecimento (“knowledge-based economy”).

- Importa mudar este modelo através dum processo de reindustrialização que não pode significar apenas investimento no que temos, mantendo as mesmas tecnologias e processos de fabrico, mas que comporta uma alteração significativa de processos em toda a cadeia de valor, com grande incorporação de inovação empresarial e de tecnologia,



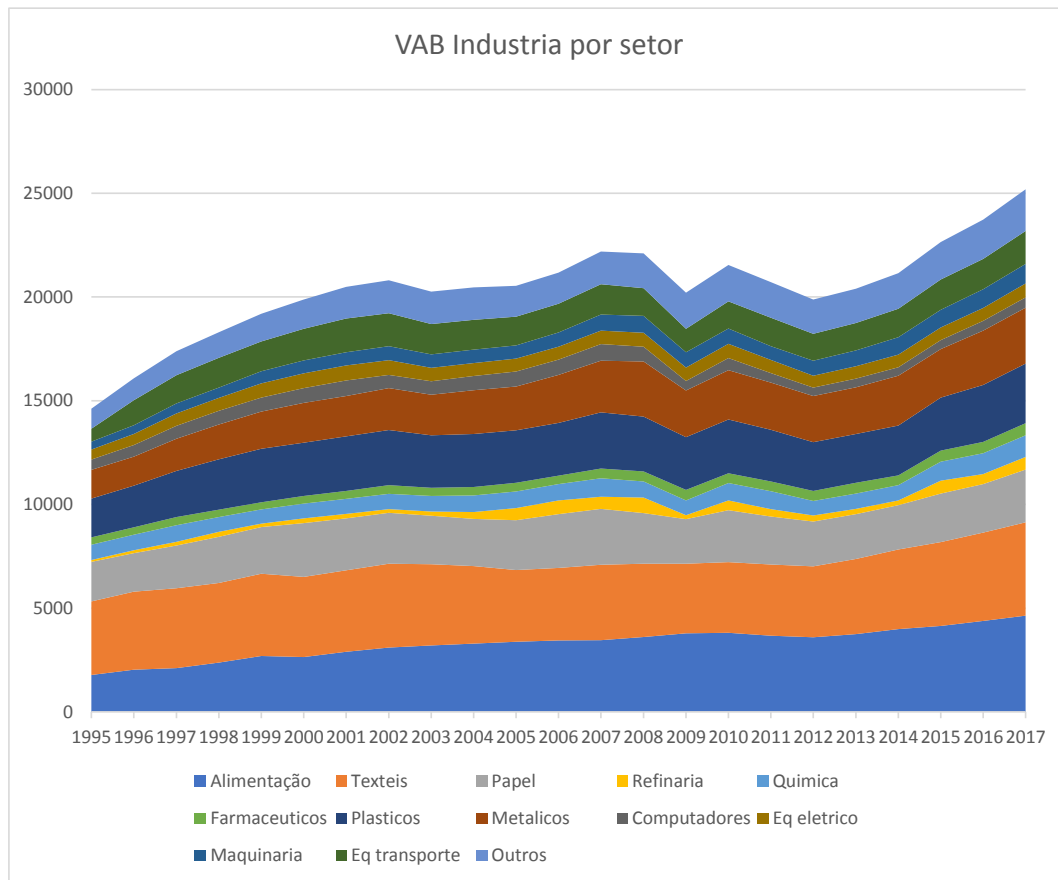
o que pressupõe o acompanhamento pelo nosso país do processo de reindustrialização europeia com transformação digital (Indústria 4.0) e a transição ambiental (com economia circular) - um novo paradigma de produção industrial com incorporação de serviços de valor acrescentado, inovação (eco-inovação inclusive) e as tecnologias da 4ª Revolução Industrial.



Tal tem de ser acompanhado pelo investimento, designadamente IDE, em unidades produtivas de bens transacionáveis, alinhadas com esse novo paradigma.



•A Figura 1 mostra a evolução do VAB por setor de atividade. Os principais setores são: alimentação, bebidas e tabaco (18,4% do total da Indústria Manufactureira em 2017), têxteis, vestuário e calçado (17,9%), plásticos e minerais não metálicos (11,4%), metais e metalomecânicas (10,7%) e papel, madeira e mobiliário (10,1%). O grupo a nível intermédio (entre 4 e 10%) consiste nos setores das outras indústrias (8%), veículos e equipamento de transporte (6,3%), e químicas (4,2%). Com menores quotas estão as máquinas e ferramentas (3,9%), equipamentos elétricos (2,7%), refinação petróleo (2,4%), farmacêuticos (2,3%), e computadores e produtos eletrónicos (2%).



Roteiro para a Reindustrialização

A INDÚSTRIA E O NOVO MODELO



A INDÚSTRIA E O NOVO MODELO

A indústria é o único sector da economia capaz de absorver a mão de obra pouco qualificada existente e criar empregos com melhor remuneração. Acontece que grande parte da inovação tecnológica começa na indústria e só posteriormente é transferida para os serviços. Há uma grande ligação entre produção industrial, desenvolvimento tecnológico, inovação e emprego qualificado. Sem indústria (e sem serviços ligados aos sectores industriais), a economia perde a sua capacidade de inovação e não consegue criar empregos qualificados nem superar os choques económicos.

Indústria nos nossos dias não é apenas a manufatura, mas sim a produção de todos os bens e serviços transaccionáveis. As empresas industriais produzem cada vez mais bens e serviços de forma integrada, deixando de oferecer produtos exclusivamente industriais para oferecerem também serviços, quer associados ao produto industrial que dantes vendiam, quer associados à manutenção dos equipamentos e produtos que vendem, quer ainda associados à assistência e formação para os novos produtos e serviços de elevado conteúdo tecnológico que oferecem.

E externalizam cada vez mais segmentos da sua cadeia de valor, passando a favorecer o emprego no sector dos serviços, como acontece com atividades de limpeza, segurança, vigilância e logística. Nos dias de hoje, uma empresa industrial é bem mais do que uma fábrica, começando na conceção, engenharia e desenvolvimento dos novos produtos, continuando na atividade manufactureira de produção de bens físicos e terminando nos serviços de pós-venda, reparação e manutenção dos produtos, ou seja, na ligação aos clientes. Há assim numa moderna economia uma crescente interligação entre e a actividade manufactureira de produção de bens físicos e a atividade de serviços.

O processo de reindustrialização que propomos deverá ainda recorrer ao investimento estrangeiro, utilizando o modelo já usado na Auto Europa: empresas produtoras de bens transaccionáveis que além do investimento nos tragam mercados externos relevantes, tecnologia e formação profissional, e que sendo integradoras criem mercado para os seus fornecedores que depois passarão também a exportar.



A INDÚSTRIA E O NOVO MODELO

•As potencialidades da inteligência artificial, da recolha e análise de big data e as impressoras 3D,

O novo modelo industrial exige pessoas tecnologicamente muito qualificadas, uma estratégia diferenciadora em toda a cadeia de valor desde a concepção à logística, com vista a obter vantagens competitivas sobre a concorrência,

Reindustrializar não significa, pois, voltar a modelos do passado assentes na mão de obra barata,

- criaram um novo mundo de desafio tecnológico e de inovação, para as empresas industriais que detenham a capacidade de engenharia necessária, para, a partir destas ferramentas, criarem produtos inovadores, que o mercado reconhece e remunera.
- A maioria das nossas empresas industriais tem de se estruturar em negócios de customização com níveis de integração do conhecimento elevado e com produtos sofisticados com alto poder de diferenciação, como recomendava Porter.

- em que a inovação, seja acrescentada (*incremental engineering*) ou seja radical, é estruturante e permanente na criação de valor.
- O reforço da nossa indústria tem uma importância estratégica para a nossa economia e devemos ter em conta que já temos clusters que detêm um conhecimento ao nível mais avançado da sua concorrência na economia global, sendo pois o processo de clusterização muito importante no novo modelo industrial do nosso país.

- mas sim aderir ao modelo da economia do conhecimento, injetando conhecimento e engenheiros nas empresas em articulação com as Universidades, os Politécnicos e o Sistema da Ciência e Tecnologia.
- Reindustrialização nos nossos dias não é apenas a manufatura, a produção de todos os bens e serviços transacionáveis que conseguirmos não só exportar, mas em que também conseguimos reduzir em mercado aberto e concorrencial as importações através da produção nacional.



A INDÚSTRIA E O NOVO MODELO

Reindustrialização significará, pois, a ênfase na realocação dos recursos para a produção de bens e serviços transacionáveis nos sectores primário, secundário e de serviços com muito maior valor acrescentado nacional, integrando as tecnologias horizontais facilitadoras da competitividade (KET – “key enabling technologies”)

- Avançando para clusters mais desenvolvidos e promovendo a inovação radical e acrescentada dos nossos produtos e processos produtivos.

O nosso país pode, assim, posicionar-se para a produção industrial de bens transaccionáveis, para o mercado europeu, resistindo à tentação de ficar adormecido no reduzido mercado doméstico.

- O dinheiro dos fundos europeus e mais especificamente do Plano de Recuperação e Resiliência, financiado pelo “Next Generation EU” deveria ser usado para isso.



A INDÚSTRIA E O NOVO MODELO

Contamos com engenharia e escolas de engenharia de qualidade europeia e o mesmo se poderá dizer das nossas melhores escolas de gestão e da nossa infraestruturas de comunicações, e esperamos que esta infraestruturas continue a mantê-la com o avanço para o 5G.

- Com o bom nível das infraestruturas digitais e a qualidade dos nossos engenheiros, podemos também ser uma fábrica para o Mundo na área dos serviços executados por via digital e um *gateway* (cabos submarinos, *data centers*, estações de controlo de satélites) para as infraestruturas digitais.

A INDÚSTRIA E O NOVO MODELO

Temos assim que transformar o nosso país numa plataforma de produção de bens e serviços para a economia global, tirando partido da nossa inserção nas redes globais de comunicação através das tecnologias de informação e comunicação e duma logística que permita a gestão eficiente das cadeias de abastecimento no contexto das cadeias de valor globais.



Roteiro para a Reindustrialização

POLÍTICA INDUSTRIAL PARA A REINDUSTRIALIZAÇÃO



POLÍTICA INDUSTRIAL PARA A REINDUSTRIALIZAÇÃO

• Mas para permitir esta reindustrialização Portugal deve remover os chamados “custos de contexto” que existem no nosso País, e que dependem apenas de decisões políticas internas.

Para tornar possível esta reindustrialização, o nosso país deve dispor de fatores competitivos de produção, nomeadamente na rapidez na aprovação de projetos industriais, de impostos que incentivem a produção ou o reinvestimento de resultados, nomeadamente a nível do IRC, de mão de obra técnica qualificada, de uma legislação laboral

- que permita aumentar ou diminuir o número de colaboradores em função das necessidades do mercado, ou ainda de uma energia barata.

Sobre este último aspeto, é importante referir que Portugal tem atualmente uma das mais altas tarifas de eletricidade na União Europeia para as PMEs.



POLÍTICA INDUSTRIAL PARA A REINDUSTRIALIZAÇÃO

• Mas para permitir esta reindustrialização Portugal deve remover os chamados “custos de contexto” que existem no nosso País, e que dependem apenas de decisões políticas internas.

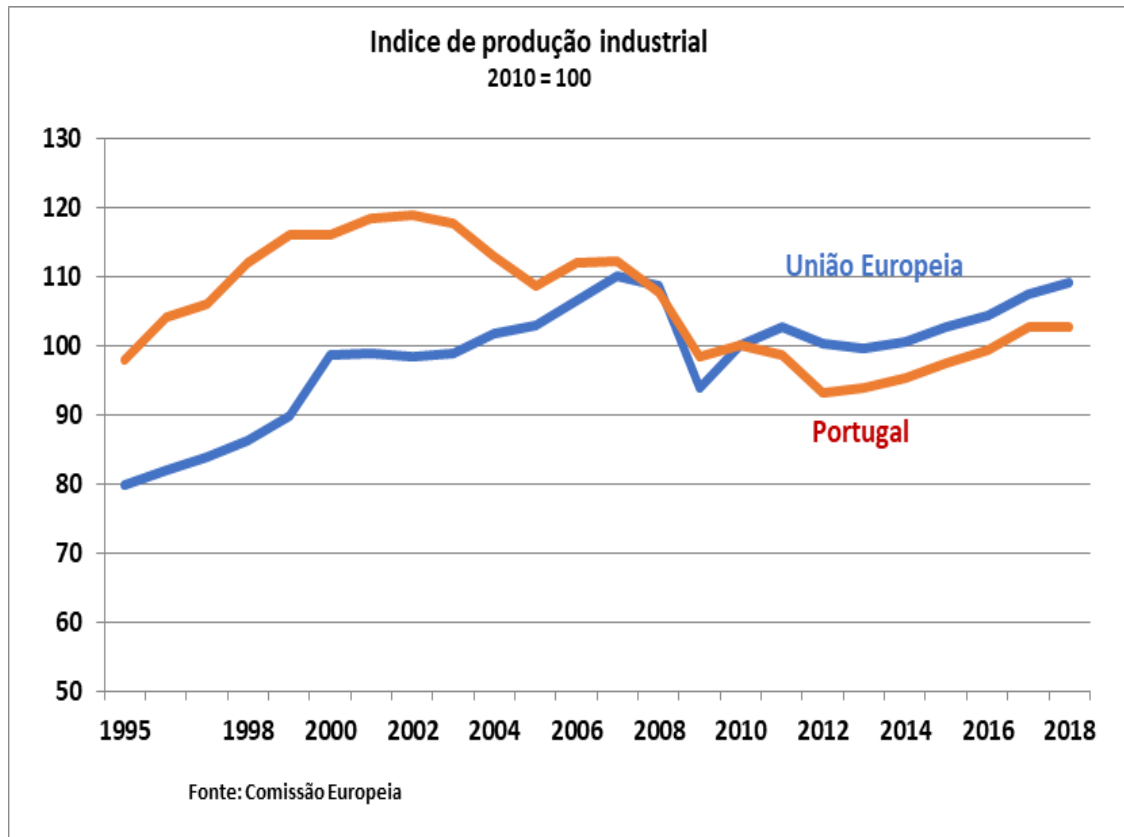
Para tornar possível esta reindustrialização, o nosso país deve dispor de fatores competitivos de produção, nomeadamente na rapidez na aprovação de projetos industriais, de impostos que incentivem a produção ou o reinvestimento de resultados, nomeadamente a nível do IRC, de mão de obra técnica qualificada, de uma legislação laboral que permita aumentar ou diminuir o número de colaboradores em função das necessidades do mercado, ou ainda de uma energia barata.

Sobre este último aspeto, é importante referir que Portugal tinha uma das mais altas tarifas de eletricidade na União Europeia para as PME's.



•A competitividade nestes fatores de produção tem deslocado muito investimento industrial para a Europa de Leste ou para a Ásia. Dentro da União Europeia existem diferenças importantes entre países, tendo estes fatores em Portugal características mais desfavoráveis e custos mais elevados que na generalidade dos restantes países, o que explica um menor investimento e crescimento da produção industrial.

■ Como se pode verificar no seguinte gráfico, Portugal tem perdido atividade industrial em relação aos restantes países da União Europeia desde 2001.



POLÍTICA INDUSTRIAL PARA A REINDUSTRIALIZAÇÃO



Por este motivo, a produção industrial portuguesa que representava 27% do PIB em 1980, representa atualmente apenas 12%.

A importância de 12% que a indústria portuguesa tem no PIB nacional, compara com 19% na média dos 27 países da União Europeia.

Neste contexto, é imperativa uma nova Política Industrial centrada na competitividade das empresas e que desse modo possa assegurar um crescimento sustentado das exportações.



Roteiro para a Reindustrialização

COVID, INVASÃO DA UCRÂNIA, DEFESA DA EUROPA E REINDUSTRIALIZAÇÃO



COVID, INVASÃO DA UCRÂNIA, DEFESA DA EUROPA E REINDUSTRIALIZAÇÃO

Covid e europeização das cadeias de valor globais

- A História Económica mostra-nos que a economia global sofre mudanças significativas com crises como a do COVID-19, designadamente: ao nível microeconómico, pois tais crises levam à adopção de novas tecnologias e de novos modelos de negócio, como está agora a acontecer com o teletrabalho e a digitalização acelerada; ao nível macroeconómico, **a crise acelerou a evolução para cadeias de valor globais mais descentralizadas e menos dependentes dum único fornecedor como era a China**, o que poderá dar oportunidades a Portugal em termos de *nearshoring*; ao nível político, a pandemia veio testar as classes políticas e os sistemas nacionais de saúde.
- A crescente ligação havida entre comércio e investimento internacionais gerou as chamadas cadeias de valor globais, tendo estado o comércio internacional e as actividades produtivas à escala global crescentemente estruturados à volta dessas cadeias de valor. As cadeias de valor globais (*Global Value Chains - GVCs*) têm estado ligadas à importância das trocas de bens intermédios para novos processamentos, facilitando o *offshoring* e o *nearshoring* na fabricação e montagem de partes dum produto global. As *GVCs* englobam todas as actividades das empresas, em casa ou no estrangeiro, necessárias para colocar o produto (bens físicos ou serviços) no mercado global, indo essas actividades da concepção do produto até à sua utilização pelo consumidor, ou seja, abrangem toda a cadeia de valor, em casa ou no estrangeiro, desde a concepção e design do produto, produção do mesmo, *marketing* e logística até à sua distribuição e entrega ao consumidor final.
- Ao nível das cadeias de valor globais, a pandemia veio alertar as grandes empresas multinacionais para o risco da excessiva dependência da China numa forma mais violenta e mais abrupta do que o que estava a fazer a guerra comercial EUA-China.

COVID, INVASÃO DA UCRÂNIA, DEFESA DA EUROPA E REINDUSTRIALIZAÇÃO

No médio-longo prazo, as empresas que sobreviverem terão que dominar um novo ambiente de negócios e terão que responder a duas tendências que já existiam, mas que foram muito aceleradas por esta crise:

- 1 - A transição digital e a adoção de novas tecnologias, que já existiam mas que estão a ser potenciadas, como o teletrabalho, o *e-com*, o *e-logistics*, os pagamentos digitais, a tele-saúde e o *e-learning*;
- 2-As cadeias globais de abastecimento já estavam a ser afectadas pelos aumentos dos custos da mão de obra na China, pela guerra comercial EUA-China, pelo *Brexit* e pelos avanços tecnológicos na robótica, automação e impressão 3D que permitiam voltar a produzir mais perto do consumidor.

A pandemia veio reforçar essas tendências, voltando a haver a possibilidade de ligar a conceção, engenharia e desenvolvimento à produção no país de origem – *reshoring* - ou de fazer o *outsourcing* para regiões mais próximas do país de origem - *nearshoring*. Por exemplo, se uma empresa alemã fizer retornar uma produção feita na China à Alemanha, estaremos a falar dum *reshoring*. Se essa empresa retirar essa produção da China e a colocar em Portugal estaremos a passar dum *offshoring* para um *nearshoring*.

O que está a acontecer obriga a uma gestão do risco diferente, forçando a um movimento que foge do *offshoring* e procura o *reshoring* e o *nearshoring* para ganhar mais proximidade e controlo sobre o fabrico dos componentes e do produto final.

As cadeias de valor global serão, pois, reconfiguradas com uma massa crítica de produção mais perto do consumidor, usando fábricas muito automatizadas e robotizadas. Há aqui óbvias oportunidades para a indústria portuguesa, no quadro da nossa reindustrialização.

As empresas globais poderão ser menos lucrativas, explorando menos obsessivamente o *low-cost* do *off-shoring*, mas tornar-se-ão mais resilientes a crises como esta

Com o COVID percebeu-se que a Europa não podia continuar a depender quase em exclusivo da China, feita a fábrica do mundo, para o aprovisionamento de bens industriais e de matérias primas e produtos intermédios para a actividade industrial. Começou então a falar-se na europeização das cadeias de valor, com o seu encurtamento geográfico e corporativo.

COVID, INVASÃO DA UCRÂNIA, DEFESA DA EUROPA E REINDUSTRIALIZAÇÃO

Agressão à Ucrânia, rearmamento da Europa e reindustrialização

- Essa discussão com vista à redução da dependência da China e consequente reindustrialização europeia veio agora ganhar **um novo impulso com a consciência europeia de que era necessário aumentar os seus gastos de defesa, já que o *outsourcing* que a Europa estava a fazer à NATO e no fundo aos EUA em termos de defesa pode não ser suficiente em caso de conflitos regionais europeus, como é o caso desta vergonhosa agressão do Sr. Putin à Ucrânia.**
- Embora não tenhamos ainda uma política europeia de defesa semelhante à americana, dado a União Europeia não ser uma União Política, sendo a Zona Euro apenas uma União Económica e Monetária com uma Comissão em Bruxelas que não é um governo federal, ao contrário da União Política americana, consubstanciada num governo federal e num orçamento central suficientemente robusto, **os países da União Europeia (UE) avançam para um rearmamento generalizado face às inqualificáveis ameaças do Sr. Putin.**
- Conviria, embora com essas limitações, que a Europa aprendesse com os americanos o conceito de indústrias duais, em que o Pentágono, o verdadeiro Ministério da Indústria e Tecnologia dos EUA, passa às empresas privadas fabulosos contratos de desenvolvimento de equipamento militar. O contribuinte americano, através dos gastos de despesa, paga o desenvolvimento dessas tecnologias e a partir daí as empresas facilmente desenvolvem produtos para aplicações civis utilizando tais tecnologias.



No fundo, a política de defesa americana é também uma política industrial e tecnológica que apoia e robustece tecnologicamente as empresas americanas, gerando efeitos de *supply-side* na economia. A União Soviética nunca conseguiu nesta matéria competir com os EUA pois os impulsos de despesa pública ligados à defesa ficavam confinados ao complexo militar-tecnológico, não gerando efeitos do lado da oferta na economia!

COVID, INVASÃO DA UCRÂNIA, DEFESA DA EUROPA E REINDUSTRIALIZAÇÃO

Quem dominasse estes conceitos, perceberia que os EUA iriam com a Iniciativa de Defesa Estratégica cilindrar dinamicamente uma estática economia de direção central, mostrando a superioridade do nosso modelo ocidental que combina impulsos keynesianos de despesa pública com a resposta descentralizada das empresas privadas. Os chineses perceberam o falhanço soviético e estão através do comando do Partido Comunista a tentar com o funcionamento dos mecanismos de mercado emular o modelo americano, embora saibamos que muitas dessas empresas privadas são comandadas por membros do Partido Comunista...

Em termos nacionais, **este novo enquadramento geoestratégico pode oferecer algumas oportunidades a setores específicos da indústria portuguesa.**

Temos algumas competências tecnológicas e de produção interessantes na indústria de defesa no âmbito do armamento ligeiro e mais genericamente no cluster AED - Aeronáutica, Espaço e Defesa, um cluster que, a seguir ao cluster automóvel que ajudámos a desenvolver com o investimento da Autoeuropa, tem tido um grande desenvolvimento no nosso país. Aí também se perspectiva um aumento da procura na construção e manutenção de aeronaves e de drones, acontecendo o mesmo na construção e reparação naval quer no domínio dos transportes marítimos, onde as disrupções das cadeias de abastecimento têm sido evidentes, quer no domínio militar.



COVID, INVASÃO DA UCRÂNIA, DEFESA DA EUROPA E REINDUSTRIALIZAÇÃO

O incremento da actividade industrial nestes setores com grande incorporação tecnológica induzirá a montante um aumento da actividade da nossa indústria metalomecânica e a jusante um conjunto de serviços informáticos e de apoio técnico e logístico.

A Comissão Europeia estará certamente disponível para reforçar o apoio nestas áreas, designadamente através do seu grande Programa Quadro de Investigação e Desenvolvimento, o Horizonte Europa, apoiando parcerias/consórcios entre empresas e universidades.

Portugal não pode perder esta oportunidade de reindustrialização e convinha redirecionar os fundos do Programa de Recuperação e Resiliência (PRR) que ainda vamos receber quer em termos de apoios a fundo perdido (*grants*) quer em termos de empréstimos (*loans*) para apoiar a indústria e as empresas portuguesas nestas novas oportunidades.

Espero que as Associações Empresariais estejam atentas para estas novas oportunidades e pressionem o governo para montar sistemas de incentivos de apoio ao nosso processo de reindustrialização, quer redirecionando, como atrás referido, verbas do PRR e dirigindo o novo Quadro Financeiro Plurianual, o Portugal 2030, específica e prioritariamente para apoio às empresas privadas, aquelas que numa economia social de mercado criam a riqueza, riqueza essa de que precisamos como de pão para a boca para evitarmos o triste caminho para a cauda da Europa que infelizmente temos seguido nos últimos vinte anos.

Conviria também voltar a reactivar o conceito das contrapartidas à indústria portuguesa pelas compras militares, mecanismo que tínhamos implementado através dum despacho conjunto Ministério da Defesa Nacional / Ministério da Indústria e Energia, como Ministro da Indústria e Energia com o Dr. Figueiredo Lopes como Ministro da Defesa Nacional.



Obrigado

Questões?

